

LÉVY-BRUHL E O ESPÍRITO CIENTÍFICO *

Florestan Fernandes

I — *Etnologia e filosofia*

Para o sábio, a ciência não é mais do que um dos meios pelos quais se pode chegar ao conhecimento da verdade. Além dela, existem outros. Acima de todos, a própria razão, que orienta a indagação dos fatos e a descoberta da verdade. Há uma insopitável audácia nesse raciocínio, mas êle é justo: antes da invenção da ciência, a inteligência percorreu outros caminhos, que conduzem igualmente à consciência dos fatos e à evidência da verdade, ainda que de maneira diversa. Por isso, enquanto uns procuravam discutir, com fundamento na razão, a procedência e os limites da explicação científica, e outros tentaram estabelecer, com base na libertação da razão pela ciência, novos dogmas filosóficos, os verdadeiros sábios se esforçaram por colocar a investigação científica a serviço completo da razão. Lévy-Bruhl está entre êsses sábios e não existe nenhuma perspectiva que demonstre tão bem o profundo sentido do seu labor intelectual no campo da etnologia. Tornou-se tradição, muito explorada em uma certa forma superficial de acatar opiniões estabelecidas, atacarem-se impiedosamente as idéias centrais das concepções etnológicas de Lévy-Bruhl. Insurgimo-nos contra ela, não porque pretendamos isentar êsse autor de erros, mas porque semelhante procedimento não faz honra ao caráter da crítica científica. Perde-se de vista a significação específica de sua contribuição, para só se reterem aquêles resultados de suas obras que parecem ser contestáveis. Aos que assim procedem, lembramos as palavras de Descartes: "... *la diversité de nos opinions ne vient pas de ce que les uns sont plus raisonnables que les autres, mais seulement de ce que nous conduisons nos pensées par diverses voies, et ne considérons pas les mêmes choses*".

Os problemas que Lévy-Bruhl procurou esclarecer são problemas centrais dentro de um dos sistemas de concepção do mundo que fazem parte da *civilização ocidental* moderna. Tais problemas se ligam (de ma-

* O presente trabalho deveria ser publicado há mais tempo, como simples resenha de *Les Carnets de Lucien Lévy-Bruhl* e em proporções mais reduzidas. Em virtude da solicitação da *Revista de Antropologia* cujo diretor considerou ainda atual um comentário da obra póstuma do etnólogo e sociólogo francês, o autor refundiu as antigas anotações, omitindo os trechos que poderiam lembrar a preocupação estrita de resenha bibliográfica. As reflexões relativas à importância geral dos *Carnets* na obra de Lévy-Bruhl foram, ao contrário, desenvolvidas. Daí o caráter dêste trabalho, que não visa a examinar a fundo um aspecto determinado da obra dêsse especialista, mas somente oferecer alguns pontos de referência para a apreciação da referida publicação póstuma.

neiras que não podemos examinar aqui) aos efeitos dos processos de secularização da cultura e de racionalização no plano das doutrinas filosóficas e à crise dos diversos sistemas filosóficos ditos "espiritualistas", produzida pelo novo clima de idéias e pela valorização do pensamento científico. Em termos estritos, os problemas com que se defrontou dizem respeito à posição que o filósofo deve tomar diante das questões tradicionais da filosofia, em consequência dos resultados das investigações das ciências humanas, em particular da etnologia e da sociologia. À medida que se apresentavam como campos de indagação filosófica, a lógica, a moral e a psicologia conservaram-se fechadas e impermeáveis aos desenvolvimentos das ciências no século XIX. Contudo, os resultados das investigações etnológicas e sociológicas punham em crise os fundamentos "tradicionais" da lógica, da moral e da psicologia. Evidenciou-se desde logo que a unidade alcançada pela especulação filosófica representava uma falsificação, já que se baseava em um postulado da razão sem fundamento *in re*. Contra a "moral especulativa", a "psicologia racional" e a "lógica formal" Lévy-Bruhl propõe uma orientação nova, que consiste em levar os filósofos aos dados de fato. Em vez de raciocinar sobre elementos hipotéticos de condutas supostas de um homem construído idealmente, pelos próprios filósofos, deveria a filosofia partir da análise objetiva dos sentimentos, dos processos mentais e das normas sociais de conduta. Esse não seria o fim ou o colapso da "moral", da "lógica" e da "psicologia", mas o início de uma nova era na reflexão filosófica, com apóio nos dados da ciência.

Em termos mais amplos, essa atitude traduzia profunda reviravolta intelectual. Ao mesmo tempo em que se alargavam os eixos da reflexão filosófica, de modo a abranger de uma forma nova os problemas antigos e os problemas criados pela consideração objetiva das mais variadas condições de existência humana, cerravam-se ou definiam-se precisamente os ângulos dentro dos quais esses problemas poderiam possuir significação filosófica positiva. Por isso, essa atitude possui um duplo sentido, em face da interpretação etnológica. Em primeiro lugar, ela pressupõe o rompimento de atitudes etnocêntricas estreitas, porque confinadas a uma compreensão do homem e de sua posição no cosmos à luz da experiência de uma única civilização (lembremo-nos de que os espíritos mais esclarecidos na compreensão do processo civilizatório como um desenvolvimento histórico, Hegel e Comte, não conseguiram se libertar dessa influência intelectual restritiva). Em segundo lugar, apesar desse alargamento, as soluções descobertas continuam a ser etnocêntricas, pois correspondem a uma imagem do homem e a uma concepção da existência humana que possuem um sentido pleno apenas para a forma de consciência inerente à explicação científica do mundo (lembremo-nos de que a ciência surge em uma civilização em que a explicação racional das coisas e das condições de existência atingiu progressivamen-

te tôdas as esferas possíveis, da natureza às relações dos seres humanos entre si ou com o sobrenatural).

Quanto ao primeiro ponto, é óbvio que o esforço intelectual de Lévy-Bruhl não deve ser encarado isoladamente. Ele faz parte de um amplo processo intelectual, que produziu frutos assinaláveis tanto através do kantismo e do hegelianismo, quanto do positivismo e do marxismo. A tendência universalista e cosmopolita da filosofia ocidental moderna é bem conhecida, o que nos dispensa de abordá-la aqui. O que importa, no momento, é que se considere que o esforço de Lévy-Bruhl não se apresenta, sob nenhum aspecto, como o resultado de uma preocupação isolada ou de um empreendimento intelectual excêntrico. Ao contrário, ele contém uma fecunda resposta a anseios e necessidades do pensamento científico-filosófico europeu na transição do século. Coloca-se, portanto, dentro da tendência mais característica do pensamento moderno, que pretende considerar a história, a economia e a cultura à luz da multiplicidade de povos e de civilizações. A peculiaridade da posição de Lévy-Bruhl está no fato de ele ter escolhido uma perspectiva especial, até então inexplorada pelos pensadores antecedentes com tamanha desenvoltura: aquela que permitia focalizar os problemas da reflexão filosófica através dos elementos da cultura, elucidados pela investigação etnológica ou pela interpretação sociológica. E convém insistir em que o ponto de partida de Lévy-Bruhl não foi totalmente irrelevante para a própria etnologia. E' nêle que se encontram as raízes das críticas acertadas que dirigiu a certas tendências do estudo comparativo das instituições (principalmente aos representantes da teoria evolucionista), as quais pressupunham um postulado relativo à *unidade fundamental* do gênero humano, prejudicial à análise etnológica quando conduz a construções que estabelecem ligações genéticas onde não existem senão similaridades ou descontinuidades estruturais e funcionais de significação desconhecida.

Quanto ao segundo ponto, aos que sustentam que a objetividade do conhecimento científico garante uma neutralidade completa, devemos lembrar que, por sua própria natureza, é inerente à explicação científica uma espécie de etnocentrismo residual, o qual se torna especialmente relevante no que concerne à problemática das ciências humanas. Seria preciso lembrar que a *ciência* constitui uma dimensão cultural de uma civilização determinada — a chamada “civilização ocidental” — e que nela corresponde a necessidades de consciência e de explicação intelectuais que não são *universais*, mas *históricas*? As ilusões do século XVIII sobre a natureza e o poder da explicação científica perderam tôda a sua influência e nenhum cientista moderno as consideraria dignas senão de admiração, pela extraordinária confiança que elas revelam seja nas tendências morais e racionais dos seres humanos, seja na capacidade de aperfeiçoamento, que se supunha imanente a essas tendências. Hoje elas fazem parte da esfera do pensamento científico caracterizada etnoló-

gica e sociològicamente como utópica. De fato, seria vão esperar que a extensão do método científico à investigação do comportamento humano permitisse descobrir explicações válidas por si mesmas *universalmente*, isto é, cujo conteúdo de veracidade pudesse ser apreciado acima das diferenças de cultura e de civilização. Esse caráter de *universalidade* das explicações científicas só pode ser compartilhado pelos que encaram como valores as normas da investigação científica, os símbolos através dos quais se exprime o pensamento científico e as formulações que condensam os resultados positivos das investigações. Assim sendo, o maior grau possível de objetividade está necessariamente contido dentro de limites inevitáveis de etnocentrismo, porque sem êles a explicação científica seria impraticável, pois deixaria de ter o sentido e as funções culturais que lhe são próprias em nossa civilização ou nas civilizações a que puder ser incorporada por difusão. A importância do ideal de objetividade, visto etnològicamente, não reside na neutralização completa e definitiva de atitudes etnocêntricas, mas na faculdade que êle concede de reduzir ao mínimo as distorções e falseamentos criados da influência das condições e dos fatores culturais extracientíficos, que também interferem na formação do horizonte intelectual dos cientistas. Ora, o que acontece com Lévy-Bruhl é que êle se dedicou a uma espécie de labor intelectual em que o investigador está sujeito à influência de atitudes etnocêntricas residuais da explicação científica em sua forma extrema. Isso porque manipulava dados concernentes a processos culturais relativos a outras civilizações, para esclarecer (ou contribuir para esclarecer) problemas que nascem e se colocam à reflexão filosófica, diretamente, em nossos próprios sistemas de concepção do mundo. Porém, percebe-se com nitidez que sua posição não deve ser considerada, afoitamente, como "audaciosa" e "infrutífera". Está fora de dúvida que Lévy-Bruhl teve a coragem dos pioneiros, cometendo por isso os erros comuns aos que se entregam sem vacilações a trabalhos dessa ordem, quase sempre em condições muito difíceis. Neste terreno, a herança que nos legou é apreciável. O seu exemplo vale como um estímulo para combater as tendências de muitos especialistas, de isolarem as suas investigações dos motivos mais amplos e profundos das mesmas, os quais estão nas necessidades intelectuais, morais e sociais que deram à etnologia um lugar determinado dentro do sistema de concepção do mundo de que ela faz parte. Segundo sua lição, o entrosamento da etnologia à filosofia ou às demais ciências do homem, como à psicologia, à história, à sociologia, se processaria naturalmente, através dos próprios temas da investigação etnológica e da maneira de tratá-los. Em um determinado nível de elaboração de seus materiais, o etnólogo estaria enfrentando problemas que escapariam, do ponto de vista formal, ao objeto restrito de sua disciplina, e contribuindo para resolver os problemas em suspenso da filosofia ou de outras ciências especiais afins.

Muitos olham com desconfiança os autores que ficam a cavaleiro nas origens de uma disciplina jovem, entre as correntes antigas e os caminhos novos. Esquecem-se injustamente do papel criador desses autores, que estabelecem a ligação entre o *velho* e o *novo* e promovem, por assim dizer, as inovações através da continuidade do pensamento. As facetas apontadas da contribuição de Lévy-Bruhl demonstram o lugar todo especial e proeminente que lhe deve ser atribuído na história da etnologia e da formação do pensamento moderno. A etnologia nasceu no seio da filosofia, graças às crises que revolveram os sistemas filosóficos tradicionais. É justo e necessário que ela se associe de várias maneiras à reflexão filosófica. A etnologia se originou das mesmas influências que determinaram o aparecimento das demais ciências do homem. É justo e necessário que ela compartilhe da solução de vários de seus problemas. A razão nunca se fecha sobre si mesma, principalmente quando conta com os meios de investigação postos à serviço da filosofia pela ciência. Maurice Leenhardt, que encarna na etnologia um espírito tão diverso do de Lévy-Bruhl, nem por isso deixou de fazer o seu elogio exato. “Filósofo, ele domina as disciplinas, não pertencendo a nenhuma. E em face do homem, ele as liberta a todas. Não se fala mais do homem, depois de Lévy-Bruhl, como se falava antes. Psicólogos, psiquiatras, psicanalistas etc. encontraram em suas observações sugestões e elementos de comparação. E a etnologia, do fato da universalidade dos caracteres ditos primitivos na mentalidade humana, pôde enfim transbordar os limites demasiado estreitos que lhe haviam sido assinalados. Através das etnias as mais variadas, o espírito do homem é uno em sua diversidade. E são essas diversidades e essas etnias cujo estudo permanece sua grande tarefa”. “Assim, a obra de Lévy-Bruhl encerra o século XIX ao mesmo tempo que inaugura o século XX, ávido de abertura mais ampla sobre a condição do homem”¹.

2 — A hipótese na explicação etnológica

Para muitos, a crise que afeta a etnologia moderna é consequência do rápido acúmulo de materiais e da plethora de teorias. Parece, no entanto, que esse diagnóstico é algo superficial. Na verdade, o que se verifica é que o acúmulo de materiais e a plethora de teorias não estão ligados entre si como dois aspectos necessários e mutuamente entrosados de um mesmo processo intelectual. Radcliffe-Brown já assinalou devidamente que essa é a “anomalia” que tem afetado o desenvolvimento da etnologia². A solução que propõe, essencial como condição para dar à etnologia um caráter realmente científico — o da associação orgânica dos trabalhos de observação e de interpretação — revela-se ainda insuficiente. É indispensável que se elabore um padrão definido de *trabalho teórico* adequado à explicação etnológica. A grande lacuna de monografias etnológicas excelentes está menos na falta de preparo teórico dos autores, evidente na maneira de abordar as situações concretas, de

selecionar os dados de interêsse etnológico e no modo de coordená-los entre si expositivamente, do que na flutuação dos níveis da análise e na completa ausência da preocupação de estabelecer uma comunicação regular entre os resultados das investigações particulares e o *corpus teórico* da etnologia. Em suma, faltam normas de investigação que obriguem os especialistas a associar de uma forma determinada as tarefas de observação e de interpretação e que estabeleçam precisamente quais os procedimentos interpretativos a serem explorados em cada gênero de investigação. O desenvolvimento da etnologia, sob êsse aspecto, é desordenado e caótico. Supomos, porém, que essa disciplina já alcançou suficiente maturidade para instaurar os cânones da investigação etnológica.

O que há de sedutor e de admirável na obra de Lévy-Bruhl é a continuidade que ela possui, é a persistência revelada por um mesmo pesquisador na investigação de um mesmo grupo de problemas. Em conjunto, os seus livros que interessam de perto à etnologia — *Les Fonctions Mentales dans les Sociétés Inférieures*, *La Mentalité Primitive*, *L'Âme Primitive*, *Le Surnaturel et la Nature dans la Mentalité Primitive*, *La Mythologie Primitive* e *L'Expérience Mystique et les Symboles chez les Primitives* — representam etapas diversas de tratamento intelectual e de maturação do pensamento na reflexão sôbre um mesmo tema geral, visto de ângulos diferentes e através de documentação diversa. Semelhante atitude, em uma ciência que não oferece aos investigadores normas uniformes de trabalho e ideais invariáveis de pesquisa, é susceptível de provocar suspeitas. Seria Lévy-Bruhl um espírito dogmático, cioso do valor de suas idéias? Ou estaria êle comprometido com as eternas incertezas dos espíritos tímidos, que perseguem indefinidamente a mesma verdade, para possuírem alguma convicção firme? Ou, ainda, tal fidelidade a um assunto resultaria de uma reação de defesa, em face da avalanche de restrições e de críticas provocada pelas primeiras obras? Parece-nos que a resposta é bem outra. Leenhardt aproximou-se dela, ao sugerir que, ao longo de sua vida, Lévy-Bruhl revelou uma “extraordinária unidade” e sempre “a mesma probidade intelectual”³. Acreditamos que Lévy-Bruhl percebeu desde logo que numa disciplina nova, de fundamentos empíricos e teóricos tão movediços, a solução de um grande problema exige a devoção de tôda uma vida. Se uma hipótese esclarece um conjunto de processos, cabe ao especialista que a descobriu aplicá-la às várias situações possíveis e pôr em evidência o seu conteúdo de verdade. Por isso, sua obra aparece como ampla profissão de fé no pensamento científico. Dela foram excluídas tanto a dúvida, quanto a certeza por sistema. Foi Poincaré quem escreveu que “duvidar de tudo ou crer em tudo, essas são duas soluções igualmente cômodas, porque uma e outra nos dispensam de refletir”⁴. Lévy-Bruhl nunca se entregou a essa espécie de comodidade, pelo que se pode inferir do seu estilo de trabalho, que envolve uma áspera luta com os problemas e com as soluções plausíveis mais simplistas.

Um exame atento dos escritos de Lévy-Bruhl demonstra que a “extraordinária unidade” e a grande “probidade” de sua vida intelectual provinham de uma compreensão exata e rigorosa do papel da hipótese na *descrição* e na *análise* (para usar os seus termos) dos fenômenos sociais e culturais. “Em vez de substituímos, em imaginação, os primitivos que nós estudamos, e de fazê-los pensar como nós pensaríamos se estivéssemos em seu lugar, o que não pode conduzir senão a hipóteses quando muito verossímeis, mas quase sempre falsas, esforcemo-nos, ao contrário, por nos pormos em guarda contra nossos próprios hábitos mentais, e tratemos de descobrir os dos primitivos, pela análise de suas representações coletivas e das ligações entre essas representações”⁵. Como atingir êsse desideratum? Não possuímos senão um recurso: a reflexão paciente e aturada sôbre os fatos. Lévy-Bruhl foi levado, assim, a propor uma correção intelectualista do intelectualismo. Apesar da “*distância máxima*” existente entre nossos hábitos mentais e os dos primitivos, não podemos conhecer a êstes senão pelos nossos próprios meios, isto é, através de nossas categorias de sentimento e de pensamento⁶. Daí, a reflexão nos deve abrir o difícil caminho da representação objetiva de uma experiência que não nos é acessível, subjetivamente, de forma imediata. Devemos proceder por aproximações, por tateios, conseguindo lentamente um conhecimento adequado aos fatos relativos às sociedades primitivas e não às nossas orientações ou inclinações diante desses fatos. Na crítica a Tylor, a Frazer, a Lang, a Hartland, o que interessa principalmente a Lévy-Bruhl é a natureza da *hipótese geral* que lhes serve de guia intelectual no estudo dos fatos. *O que* ela permite conhecer dos fatos — e *porquê*. Ora, o essencial para o etnólogo não deve ser a busca de *uma* explicação. Sua principal tarefa consiste em isolar, através da pesquisa dos próprios fatos, as hipóteses que lhes convém. Quase sempre êles podem ser encarados de várias maneiras: a consideração de várias hipóteses permitirá chegar gradualmente, por um cuidadoso trabalho de análise, a um conhecimento positivo e objetivo, resultante da exclusão das hipóteses verossímeis mas sem poder demonstrativo. Procedendo dessa maneira, o etnólogo chega a desdobrar sua perspectiva de interpretação e a compreender o sentido oculto ou íntimo de ações que não possuem de simples senão a aparência. Adquire, em outras palavras, “*olhos novos*”⁷.

A publicação dos *Carnets* veio lançar grande luz sôbre os processos de trabalho de Lévy-Bruhl. Vê-se melhor, agora, que suas interpretações amadureciam lentamente, como idéias acalentadas por longo tempo e refinadas por árdua meditação. Como escreve em uma das passagens dessa obra póstuma: a atividade pensadora existe naturalmente entre os primitivos. “A dificuldade está em encontrar os termos adequados para uma descrição exata. Os de que dispomos nos são fornecidos por uma tradição, obra secular de psicólogos e de filósofos, que têm sob os olhos uma sociedade diferente daquela dos negros, e sobretudo habi-

tuados a estudar o real especulando sobre conceitos”⁸. Por consequência, procura afastar-se tanto dos pressupostos de um certo realismo ingênuo, que alimenta as investigações da maioria dos antropólogos ingleses modernos e dos principais sociólogos franceses de sua época, quanto das implicações de um apriorismo intelectualista, que influencia a metodologia dos etnólogos e dos sociólogos alemães do começo do século. Nem a realidade, quando se trata da vida humana em sociedade, é tão acessível quanto supõem os primeiros, nem a comunicação espiritual acima das diferenças das culturas é tão simples e imediata como admitem os segundos, baseados no postulado historicista da identidade da natureza humana. Neste terreno, Lévy-Bruhl assumiu uma posição eclética e conciliatória, que muito prejudicou a compreensão de sua contribuição etnológica e que concorreu para uma certa unidade da crítica mesmo entre os seus opositores mais distanciados uns dos outros, em termos filosóficos. Formalmente, porém, sua posição era correta. Somente o trabalho etnológico paciente poderia permitir a superação dessa dificuldade, que não possui natureza metafísica, mas precisa ser resolvida em um plano empírico.

Assim, toda descrição e toda explanação se apresentam como atividade reconstrutiva, que não dá ao etnólogo outra segurança que a de uma aproximação suficientemente satisfatória, em determinadas condições de conhecimento, de certa realidade étnica. Essa posição não se confunde, entretanto, com a que poderia resultar de uma espécie de relativismo estreito. O aspecto peculiar do relativismo cultural de Lévy-Bruhl está na importância verdadeiramente crucial que atribuiu, com razão tanto do ponto de vista lógico, quanto do da perspectiva da análise empírica, ao esforço de elaboração racional, praticado pelo sujeito investigador. Em qualquer momento, as referidas condições de conhecimento da realidade étnica poderiam ser alteradas e aprofundadas por iniciativa do próprio investigador. De modo que, através de aproximações sucessivas, seria possível chegar-se a um conhecimento etnológico positivo, capaz de pôr em evidência, em toda sua complexidade e plenitude, uma realidade étnica qualquer, por mais paradoxal que pudesse parecer em face dos padrões de nossa civilização. Que isso seja obra de uma pessoa ou de um grupo de especialistas, pouco importa; que as primeiras aproximações tenham uma utilidade meramente instrumental e provisória, também carece de importância científica. Estamos em um domínio em que a inteligência não pode avançar com passos rápidos, como na investigação da natureza, e mesmo uma simples descrição apresenta dificuldades essenciais, a serem vencidas através de um esforço intelectual comparável ao que exigem dos pesquisadores as grandes sínteses das ciências experimentais. Portanto, não são felizes os autores que qualificam o relativismo de Lévy-Bruhl imputando-lhe a suposição de que existem nos sistemas culturais das sociedades primitivas elementos que não são redutíveis às nossas possibilidades de análise⁹. Se

fomos claro na apresentação de nossas interpretações: de aproximação em aproximação, supera o etnólogo os quadros de seu pensamento e de sua civilização, de modo a alcançar em determinado momento um conhecimento pleno da realidade étnica estudada e a representar essa realidade, com as únicas deficiências dos meios de linguagem, sem as deformações iniciais, nascidas do confronto de sistemas sócio-culturais diversos. Resulta daí uma vigorosa noção da plasticidade do pensamento e da labilidade da análise científica no campo da etnologia, que é da maior significação para a filosofia moderna e para a teoria do conhecimento. Ela inverte as afirmações dos etnólogos ligados à fenomenologia, pondo no fim do processo intelectual o que eles situam no começo, porque pressupõem a possibilidade de um conhecimento imediato da essência de realidades investigadas etnologicamente. Mas desvenda igualmente, com uma fundamentação empírica mais consistente, as perspectivas profundas abertas pela etnologia não só ao conhecimento de outros sistemas de pensamento, como à descoberta da potência ilimitada do pensamento no processo de sua identificação com o que lhe é exterior.

São muitos os exemplos que poderiam atestar a prática desse processo de trabalho. No fundo, os *Carnets* encontram sua unidade e sua beleza intelectual no próprio vigor com que Lévy-Bruhl persegue criticamente certas interpretações, procurando adequá-las de forma mais completa à realidade, por meio da aferição delas com as condições psíquicas e sociais de vida dominantes nas sociedades primitivas e através de uma projeção compreensiva crescente do pesquisador no *ethos* que lhe é estranho. Doutro lado, os *Carnets* ilustram, muito melhor que qualquer uma das obras publicadas em vida, as complexas consequências da orientação metodológica seguida por Lévy-Bruhl, esboçadas acima. Graças à sua probidade intelectual, pôs em relêvo, com uma acuidade crítica que não foi alcançada sequer por seus melhores comentaristas, a significação relativa de cada uma de suas contribuições etnológicas, como etapas de aproximação empírica do conhecimento positivo dos mesmos fenômenos e dos mesmos processos mentais. Tudo isso não traduz outra coisa senão um maior amadurecimento no domínio dos fatos, em sua manipulação interpretativa mediante a construção de hipóteses dirigidas no sentido de obter aproximações empiricamente mais satisfatórias. Como escreve em uma passagem, bastante expressiva além disso para caracterizar a inspiração fundamental de seu labor científico: "...eu prefiro, conforme ao meu método habitual, manter-me o mais perto possível dos fatos e deixar-me guiar por eles..."¹⁰. À medida que pôde conhecê-los e interpretá-los melhor¹¹, conseguiu descobrir a ligação interna que havia entre suas obras e o alcance de uma metodologia que permite corresponder aos critérios do conhecimento positivo, sem contrariar as necessidades próprias de uma investigação que lida, por causa da natureza do seu objeto, com relações de sentido.

3 — *Compreensão e interpretação na etnologia*

Essa discussão situa metodologicamente a contribuição de Lévy-Bruhl à etnologia moderna, no que ela tem de mais relevante e renovador. É verdade que seus trabalhos padecem de um grave defeito, que consiste na manipulação inadequada de materiais comparativos e nos processos de abstração e de generalização que sempre procurou pôr em prática. A tendência a restringir o número de situações a serem consideradas comparativamente e a isolar nessas situações um reduzido grupo quase invariável de fenômenos a serem elaborados interpretativamente contribuiu para atenuar esse defeito, sem remediá-lo nem eliminá-lo. Contudo, esse aspecto da posição metodológica de Lévy-Bruhl apresenta por si mesmo escasso interesse. Pois êle nô-lo revela no ângulo menos original de sua obra: ou seja, à luz de concepções metodológicas que imperaram no fim do século passado e nos comêços do século atual em amplos setores da investigação etnológica. O aspecto original é outro, e nos mostra um talento pioneiro que, se não foi bem explorado, nem por isso deixa de possuir uma profunda significação para a moderna etnologia. Esse aspecto é o que diz respeito às relações entre compreensão, descrição e interpretação na pesquisa etnológica. Mau grado a ausência de uma sistematização lógica dos seus pontos de vista e dos seus procedimentos técnicos ou metodológicos, percebe-se, através do que fica implícito nos resultados das publicações que vão de *Les Fonctions Mentales* aos *Carnets*, que Lévy-Bruhl se preocupou concentradamente com esse problema e que para êle procurou uma solução compatível com a natureza da investigação etnológica. Deve-se dizer, de passagem, que em nenhuma outra esfera de sua obra as lacunas oriundas da falta de uma sólida formação especializada se fizeram sentir de maneira tão dramática, prejudicando irremediavelmente o alcance de uma contribuição metodológica que poderia ter alterado o próprio curso do desenvolvimento contemporâneo da teoria etnológica¹².

O positivismo exerceu uma influência sôbre a formação das ciências humanas na França que, sob certos aspectos, foi benéfica, mas, sob outros, foi negativa. Merece relêvo, como influência negativa, a concepção que conduziu à assimilação das relações que se dão entre os fenômenos socioculturais ao esquema físico de relações de estrutura. Pois ela eliminou do campo de reflexão metodológica todo um conjunto de problemas fundamentais para a construção do edifício metodológico das ciências humanas. O que separava estas disciplinas das chamadas ciências exatas e experimentais era o caráter peculiar das relações que constituíam o seu objeto. Tais relações não podiam ser reduzidas a um esquema puramente mecanicista, porque envolviam componentes dotados de sentido ou de significação, ao contrário do que acontece com as relações que exprimem estados determinados da matéria. Estabeleceu-se, assim, um contraste singular entre os postulados ou pressupostos funda-

mentais inseridos na teoria geral da investigação científica, aceitos correntemente pelos especialistas, e os princípios de explicação realmente postos em prática por êles, na descrição de fenômenos ou de processos concretos. Basta um exemplo para demonstrar o alcance dêsse contraste: a hipótese do “meio social como fator determinante”, sustentada por Durkheim como condição para garantir a explicação causal na sociologia, não se coadunava com a formulação recebida pelo postulado do determinismo, definido na forma de sua vigência na natureza. Êsse contraste se impunha com maior razão nos trabalhos de investigação empírico-indutiva, conduzindo com freqüência à correção dos postulados e pressupostos fundamentais pelos princípios de explicação explorados estrategicamente em setores particulares de pesquisa. Lévy-Bruhl foi levado a sentir os efeitos dêsse contraste e, pelo que parece, procurou reagir contra as insuficiências que os acarretavam. Desde *Les Fonctions Mentales* percebera claramente que havia uma dificuldade metodológica que não fôra resolvida na *teoria positiva* da investigação científica e que ela se opunha como uma barreira ao progresso empírico-indutivo das pesquisas etnológicas e sociológicas. O seguinte trecho parece ser o que exprime com maior amplitude seu estado de espírito: “E’ por isso que a mentalidade dos primitivos pode ser chamada *pré-lógica* tão justamente quanto *mística*. Êsses são dois aspectos de uma mesma propriedade fundamental, antes que dois caracteres distintivos. Essa mentalidade, se se considera mais especialmente o conteúdo das representações, será chamada *mística* — e *pré-lógica*, se se consideram antes as ligações. *Pré-lógica* não significa que essa mentalidade constitui uma espécie de estado anterior, no tempo, à aparição do pensamento lógico. Terão existido jamais grupos de seres humanos ou pré-humanos cujas representações coletivas não tenham chegado a obedecer às leis lógicas? Nós o ignoramos: em todo caso, é muito pouco provável. Pelo menos, a mentalidade das sociedades de tipo inferior, que eu chamo *pré-lógica*, em falta de nome melhor, não apresenta êsse caráter. Ela não é *anti-lógica*; ela também não é *alógica*. Chamando-a *pré-lógica*, sòmente pretendo dizer que ela não se sujeita acima de tudo, como nosso pensamento, a se abster da contradição. Ela obedece primeiro à lei da participação. Assim orientada, ela não só se compraz gratuitamente no contraditório (o que a torna regularmente absurda para nós), mas ela não cogita de evitá-lo. Ela lhe é com freqüência indiferente. Daí resulta que seja tão difícil segui-la”¹³.

Êsse trecho, tão significativo e que deveria ser melhor conhecido pelos críticos de Lévy-Bruhl, sugere como a dúvida se instalou no seu espírito e por que amadureceu lentamente a convicção de que nenhuma “análise” da *mentalidade primitiva* poderia ser coroada de êxito se não se realizasse depois de uma projeção compreensiva, relativamente profunda, no *ethos* dos “primitivos”. Seu ponto de partida fôra a idéia de que a oposição entre o “pensamento lógico” e a “mentalidade pré-lógica”

encontrava uma justificação empírica, não passando no fundo de um mero recurso metodológico para descobrir as "leis mais gerais" que regulariam "as representações coletivas nas sociedades inferiores"¹⁴. Essa atitude estava bem próxima da concepção inicial de explicação positiva nas ciências humanas. Ela favorecia, inclusive, que se subestimasse a importância própria e irreduzível de fatores diferenciais, reconhecidos explicitamente com êsse caráter. Daí em diante, Lévy-Bruhl evoluiu continuamente no sentido de superar êsse recurso metodológico (comparação de mentalidades cuja distância recíproca seria *máxima*): sua atenção se dirige, progressivamente com maior intensidade, para os recursos pròpriamente endopáticos, tendo em vista a obtenção de dados seguros em que pudesse basear a descrição e a interpretação dos fenômenos e dos processos mentais dos "primitivos". Com *L'Âme Primitive* (1927), essa orientação já começa a se estabelecer com nitidez, fixando-se claramente os centros de interêsse da análise qualitativa em tórno dos mitos e de sua função nas sociedades primitivas. Várias páginas dos *Carnets* descrevem vivamente essa evolução intelectual e deixam patentes suas principais conseqüências. Uma delas consiste na idéia de que a explicação causal constitui uma etapa adiantada na investigação etnológica. Para chegar a ela, o etnólogo precisa percorrer um longo caminho de reconstrução em sua autenticidade e plenitude do cosmos material, mental e moral do "homem primitivo". Outra, na admissão tácita de que a explicação, na etnologia e na sociologia, toma por objeto relações com sentido e que, portanto, constitui um problema metodológico preliminar (ou elementar) dessas disciplinas a determinação das bases e dos meios através dos quais se torna viável a descoberta dos componentes com sentido daquelas relações. Todavia, deixa de lado a questão de saber se os procedimentos empregados na descoberta das relações de sentido podem ser reduzidos a regras de investigação e não se empenha na caracterização típico-ideal dos fenômenos e processos mentais considerados. Restringe-se, neste ponto, a um estreito realismo, que o leva a procurar no mundo fenomênico, nas condições objetivas da experiência, encaradas analiticamente, os fundamentos da atividade endopática do investigador. Percebe-se que suas intenções metodológicas eram dominadas por um sentimento predominante: o de que é possível determinar globalmente os caracteres, a natureza e os limites da vida mental dos "primitivos"¹⁵, e que a essa determinação estaria naturalmente subordinada a solução de qualquer outro problema metodológico significativo. Talvez se ocultasse atrás dessa atitude alguma incapacidade de elevar-se aos aspectos mais gerais da teoria da investigação científica. O que importa é que ela contribuiu para que se ignorasse, mais do que se deveria esperar, um dos aspectos originais da obra de Lévy-Bruhl e de maior interêsse para a etnologia.

Apesar da falta de uma elaboração sistemática, as sugestões explícitas contidas nos *Carnets* sôbre o método de compreensão na etnologia

abrem pistas fecundas. Em primeiro lugar, surge o problema mesmo da reconstrução da experiência por meios endopáticos. Nós não possuímos nem símbolos, nem uma educação dos sentidos, nem uma experiência análoga de integração profunda à corrente de existência social, nem hábitos mentais que suportem a captação plena e imediata da significação subjetiva das ações e relações atualizadas rotineiramente nos diversos planos da vida individual ou associativa dos "primitivos". Com certa ingenuidade juvenil, Lévy-Bruhl afirma: "o que precisamos descrever não se ofereceu jamais ao espírito dos filósofos e dos psicólogos"¹⁶. Tôda riqueza do conhecimento científico-filosófico, inclusive no que concerne aos meios de expressão e de comunicação, não supre as insuficiências sôciopsíquicas do investigador, nessa etapa em que está em jôgo apenas o estabelecimento de uma espécie de equiparação dos níveis da experiência humana. "E' na exatidão da apreensão dos fatos antes de os exprimir e formular que reside uma possibilidade de salvação: sentir e compreender a atividade mental de que se trata, antes de incorporá-la aos quadros que a nossa nos tornou tão familiares, a ponto de nos parecerem como que necessários"¹⁷. Mas como conseguir apreender os fatos em sua "exatidão"? Podemos realmente descobrir o que venha a ser "exato" em um contexto tão diferente de pensamento e de ação?

Aí está o segundo problema, que Lévy-Bruhl procura resolver dentro da melhor tradição acadêmica européia. Pela análise, pode-se saber em que sentido por exemplo é o mito uma história *verdadeira*, não para nós, mas dentro do próprio horizonte mítico em que se define sua significação; pode-se também tatear o conteúdo subjetivo das palavras, incorporadas nas línguas de povos primitivos, e localizar as diversas polarizações de linguagens mais ricas de gradações, de meios tons e de tonalidades afetivas; e, especialmente, pode-se atingir uma psicologia diferencial de fundamento étnico, em que o "comportamento primitivo" se torna objeto de uma complexa dissecação, que visa acima de tudo determinar a natureza das "experiências" possíveis em sociedades primitivas e reconhecer os tipos extremos para os quais elas tendem cultural e socialmente¹⁸. Em suma, o etnólogo encontra na análise etnopsíquica e sôciocultural o recurso endopático de que necessita para a projeção compreensiva. Por meio dela alcança as condições para uma descrição radicalmente empírica e para uma interpretação o mais possível objetiva. Enfim, consegue realizar a proeza, exigida na investigação etnológica, de reduzir ao mínimo a dispersão etnocêntrica inerente à atividade interpretativa do sujeito investigador. Como lembra (e de diversas maneiras!): "E' preciso, pois, tentarmos nos colocar em sua atitude mental, em vez de lhe emprestarmos a nossa. Sua experiência nesse caso não é homogênea e sôbre um único plano, como nós o imaginamos"¹⁹.

Mas, a projeção compreensiva assim realizada tem um fim exterior à perspectiva psicossocial que constitui o objeto da análise, pois ela nasce de impulsos intelectuais, alheios e estranhos às situações sociais de vida dos sujeitos, cujo comportamento se investiga. “Ora, o ponto sobre o qual eu devo insistir aqui é que essas participações são essenciais, o primitivo as sente, e as vive, mas não as formula, nem as destaca de sua pessoa, nem tem a idéia de as objetivar. É o observador que as identifica, as caracteriza, as define, delimita sua função. O próprio australiano não tem dela mais consciência que do fato de que ele respira e digere. Na medida em que ele possui o sentimento de sua própria existência individual, ele possui ao mesmo tempo o de sua participação com seu grupo e com os ancestrais (iniciação etc.)”²⁰. Nessa esfera se coloca o terceiro problema, que Lévy-Bruhl se contenta em assinalar, com o propósito de sugerir o caráter limitativo da observação e da análise como recursos endopáticos. “Eu acrescento que é da natureza dessas participações o não serem claras ao entendimento e que é preciso não tentar fazer transparente o que, por essência, não pode ser senão opaco”²¹. O etnólogo pode enxergar cada vez melhor ou mais profundamente nessa opacidade, se não se abandonar à ilusão de tornar “claro” o que é “escuro”. Lévy-Bruhl se lançou por um caminho que merecia uma atenção cuidadosa e é pena que não se tenha proposto o problema senão nos limites teóricos de sua obra²². Daí poderia resultar uma crítica dos instrumentos de trabalho da etnologia, de ricas conseqüências metodológicas.

Contudo, seria possível indagar se a própria condição humana não oferece ao etnólogo um meio endopático natural. É sabido que mesmo um sociólogo da finura de Simmel admitia que na reconstrução do não vivido a nossa “herança da espécie” chega a desempenhar algum papel na compreensão das atividades anímicas de personalidades totalmente heterogêneas²³. Ora, Lévy-Bruhl pensava, como repetiu várias vezes, que “a estrutura lógica do espírito é a mesma entre todos os homens”²⁴ e que há algo no homem que persiste através da evolução das instituições²⁵. “Logo salta aos olhos que o que persiste através de todas as alterações, as transformações, das civilizações primitivas ao mundo moderno, o que constitui uma espécie de fundo imutável e indelével, é o que nasce da natureza fisiológica e psicológica do homem, como se explica no volume V²⁶ a respeito das condições profundas da experiência mística”. Não poderia achar nessas idéias uma correção crítica para o seu discreto pessimismo sobre o alcance limitado dos recursos endopáticos da etnologia? É interessante notar que Lévy-Bruhl agiu aqui com a coerência e a prudência do etnólogo. Para ele, o que é persistente na condição humana através das culturas representa uma fonte de problemas novos, não um meio para solução de problemas antigos. Se algo persiste no homem, então é preciso ver como as persistências repercutem no plano dos ajustamentos condicionados pela cultura. Os mesmos im-

impulsos exigem as mesmas satisfações ou pelo menos conduzem a exigências semelhantes. As experiências que resultam de tais impulsos, porém, assumem continuamente formas novas e variáveis. E é neste plano que o etnólogo precisa raciocinar. As hipóteses psicológicas gerais, como as que se ocultavam sob o evolucionismo, não conduzem senão a mistificações. Donde a necessidade de uma psicologia diferencial. Mas aí caímos fatalmente no domínio da análise como recurso endopático fundamental, apesar de sabermos que ela incorre em limitações. Talvez fôsse diferente, se a etnologia tivesse por objeto não o homem em condições etnopsíquicas determinadas de existência, mas um *Homo* ideal, deformado aqui e ali, mas reconhecível formalmente através das diferenças de organização social e de cultura.

Em conjunto, as idéias mencionadas, ainda que superficialmente, não são destituídas de mérito e possuem seu interesse para a etnologia moderna. Só seria de lamentar que Lévy-Bruhl passasse por elas tão por alto. Pois a etnologia necessita que se iniciem e se desenvolvam as reflexões que tomam por objeto os próprios recursos, científicos e extracientíficos, com que operam os etnólogos. Algumas ponderações de Lévy-Bruhl poderão parecer ingênuas a especialistas com longo treino de pesquisas. Mas elas são justas e construtivas, porque se referem a questões de capital importância na investigação etnológica. Problemas dessa ordem não se colocam nas ciências experimentais; o objeto delas, mesmo quando são sujeitos humanos (como no caso de certas experiências biológicas), não precisam entrar em intercâmbio simpático com o investigador. Nas ciências sociais, que consideram o homem nas condições reais de existência, essa condição é essencial. Da comunicação com os sujeitos da investigação depende o grau de sucesso das observações e o alcance posterior da análise. Além disso, a reconstrução do significado das ações e das relações humanas representa uma condição elementar fundamental de qualquer interpretação etnológica que pretenda possuir um caráter empírico e atingir um nível científico de exatidão. Nenhuma explicação causal, por mais complexa que pareça e por maior que seja o grau de abstração que se lhe impute, poderá merecer confiança na etnologia se não se exercer sobre dados suficientemente seguros e completos. Ora, só comportam semelhante qualificação os dados que reproduzem, com uma aproximação tolerável, as situações, as ações e as relações a que se referem, com todos os seus componentes emocionais ou de sentido.

Mas não deixa de ser curioso que a preocupação pelas condições e pelos limites da compreensão no estudo etnológico de povos primitivos tenha se insinuado dentro de uma orientação metodológica predominantemente empírico-sensualista. Os sociólogos ligados ao positivismo, principalmente na França, nunca deram muita atenção a tais problemas. Parece que devemos ao ponto de partida estreito e sob muitos aspectos criticável de *Les Fonctions Mentales* esse interesse de Lévy-

Bruhl. De fato, o recurso metódico ao paralelismo entre duas "mentalidades" supostas diferentes em bloco, com referência a determinados caracteres, facilitava a passagem insensível da caracterização positiva de atributos, estruturas e funções à discussão dos contrastes que separam as duas "mentalidades" e ao exame das barreiras que dificultam a sua livre comunicação. Por conseqüência, o modo de delimitar o próprio campo de investigação acabou introduzindo no âmbito desta os problemas concernentes à eficiência dos meios endopáticos de observação e de análise. Sob este aspecto, não devemos lamentar as circunstâncias que induziram Lévy-Bruhl a socorrer-se do paralelismo das duas "Mentalidades" mais do que seria recomendável. Talvez, mesmo, convenha fazermos o contrário. Pois elas produziram idéias metodologicamente frutíferas e fermentativas. Idéias que nos parecem ainda mais valiosas quando atentamos para o fato de que são poucos os que se têm preocupado com elas.²⁷

4 — *A síntese interrompida*

O que importa na obra científica é a exatidão e a veracidade. Quando estas não se realizam, é preciso reconhecer a fonte do erro cu aceitar a correção imposta por um melhor conhecimento dos fatos. Esse padrão de trabalho nem sempre tem sido aplicado com rigor, no campo da etnologia, graças à influência de condições e de fatores que não nos cabe discutir no momento. Doutro lado, há erros e erros. Os piores nem sempre são os cometidos pelos pioneiros... A publicação dos *Carnets* transferiu para a luz do dia as reações de Lévy-Bruhl às críticas que lhe foram feitas e contribui para ensinar-nos que uma disciplina intelectual ascética não prescinde de uma autocrítica escrupulosa e exigente. Mesmo em pontos em que a razão lhe assistia, pois muitas das críticas defendiam mais certas orientações possíveis na interpretação da realidade do que o próprio conhecimento objetivo desta, Lévy-Bruhl acabou indo além dos críticos, mutilando às vészes desnecessariamente a integridade de sua contribuição à etnologia. Vislumbram-se aqui ou ali alguns ressentimentos, provocados pela incompreensão e pela afoiteza de certas críticas. "Eu não acredito que seja interessante para o público contar com uma história ainda que pouco minuciosa dessa evolução [modificações de seus pontos de vista entre 1910 e 1938], principalmente porque não é certo que a descrição que eu fizesse seria suficientemente exata. Outros, menos interessados no assunto, verão sem dúvida melhor o que se passou, se se derem ao trabalho, enquanto eu me arriscaria muito a cair mais ou menos ingênuamente mesmo nas ciladas mais grosseiras, estendidas pelo amor próprio. Com a melhor boa vontade do mundo, nunca se pode estar seguro de evitá-las, e o mais sábio é falar de si o menos possível, quando não se é obrigado"²⁸. Mas, acima dos ressentimentos, revela-se uma enorme acuidade pelas críticas construtivas, pe-

los argumentos irretorquíveis, baseados em fatos. As críticas dêste gênero não só foram respeitadas. Receberam uma reelaboração através da qual novos horizontes se insinuaram nos pontos de vista defendidos em *Les Fonctions Mentales*, *La Mentalité Primitive* e *L'Ame Primitive*. Pairou pois, acima de tudo, um impressionante impulso interno, que o levava a procurar na análise dos fatos um critério de seleção positiva das críticas e o conduzia por vias próprias na exploração das descobertas que fizesse. A êste processo de trabalho refere-se com completa isenção, até com certo bom humor. Conforme, por exemplo, o seguinte passo, em que trata das alterações de seus pontos de vista (seria melhor dizer, da maneira de exprimi-los) a respeito do "pré-logismo": "No que concerne ao caráter "pré-lógico" da mentalidade primitiva eu já tinha posto suficiente água em meu vinho nestes vinte e cinco anos..."²⁹.

Os *Carnets* sugerem ainda a faceta mais característica de Lévy-Bruhl como pesquisador. Embora fôsse capaz de associar organicamente a análise dos fatos à formação de uma teoria, não conseguia alcançar nem a desenvoltura teórica de um Durkheim nem a segurança empírica de um Mauss, principalmente na manipulação de grandes massas de dados. Fixava-se em tórno de certas hipóteses diretrizes, perseguindo-as através de pequenos fatos, de fatos simples — de *fatos claros*, diríamos, se isso fôsse legítimo. No fim de algum tempo, acabou percorrendo um número maior de vias do que poderia suspeitar inicialmente. Um problema trazia outro, e com isso o campo de pesquisas se ampliava continuamente. O encadeamento interno de suas obras surge dêsse desenvolvimento, que é, a um tempo, empírico e teórico, pois que se fazia sob a inspiração de esclarecer relações fundamentais ou implicações obscuras, descobertas nas investigações anteriores. Em face dêsse alargamento do campo de trabalho, evidenciava-se a necessidade lógica, à qual Lévy-Bruhl se mostrou muito sensível, de introduzir um mínimo de sistematização nos resultados das várias investigações que empreendera³⁰. Mas, aqui sentia de novo o apêlo dos fatos, a insuficiência dos conhecimentos realmente positivos já acumulados, a impossibilidade enfim de qualquer sistematização prematura. A passagem seguinte assinala um dos aspectos mais pessoais dêsse drama interior, que não deve ser dissociado de uma forma rigorosa de compreender o objeto da explicação científica na etnologia. "Eu me pergunto se depois de um certo tempo não me envolvi em um impasse e se a tarefa de aprofundar o que disse até agora sôbre a participação não é impossível — ou superior às minhas fôrças"³¹.

Essa síntese, que se impunha por causa das mudanças que se operaram no seu modo de ver os fenômenos que o preocupavam e em alguns dos pontos de vista iniciais, não chegou a ser realizada. Os *Carnets* rastreiam as pistas que deveriam ser percorridas e a amplitude dos novos pontos de partida. Ambos envolvem uma rejeição esclarecida e uma defesa sólida de certos aspectos da obra anterior, fruto de seis lustros de trabalho extenuante. Sob a influência em particular dos resultados da mo-

derna pesquisa etnológica na França, preferiu antes esclarecer a significação de determinados conceitos e hipóteses, do que tentar uma refutação dogmática das perspectivas novas, abertas por conhecimentos recentes. A síntese foi, portanto, interrompida no momento em que ela tendia a assumir as proporções de uma fecunda reelaboração, de caráter teórico e empírico. Seria difícil escolher nos *Carnets* um trecho qualquer para exemplificar o que acabamos de afirmar. Todo o livro está repleto de idéias novas e de aspirações grandiosas. Para que o seu pensamento não perdesse nem a beleza dos propósitos, nem sua unidade fundamental, preferimos nos restringir à citação de dois excertos, embora padeçam do inconveniente de serem longos. Mesmo assim, estamos longe de um apanhado completo das possibilidades que se abriam às suas tentativas, em processo, de revisão. Só nos garantimos contra a deformação do seu pensamento ³²:

1) “Se eu der uma olhadela de conjunto sôbre o que escrevi a respeito da participação, de 1910 a 1938, a evolução de minhas idéias me aparecerá claramente. Eu comecei por supor uma mentalidade primitiva diferente da nossa, senão em sua estrutura pelo menos em sua função, e me encontrei no embaraço de explicar as relações dessa mentalidade com a outra, não sômente entre nós, mas também entre os “primitivos”; eu não fiz, em suma, senão justapô-las, sem poder explicar nem sua coexistência nem suas relações. Posição que eu jamais pude defender, e insustentável posteriormente. Restringindo-me a falar de hábitos mentais, eu me refugiara em uma posição conciliadora [a tradução literal seria: equívoca]. Mas a tese assim mitigada e diluída não era mais defensável. Perguntava-se então de onde provinham êsses hábitos, e como, com referência a êles sômente, êles constituíam uma “mentalidade” que, de um modo inexplicável, coexiste com o exercício lógico de nossa atividade mental.

Abandonemos, pois, a seu turno, e sem segundas intenções, essa posição conciliadora, isto é, renunciemos inteiramente a nos explicar a participação por qualquer coisa própria ao espírito humano, seja constitucional (na sua estrutura ou na sua função), seja adquirida (hábitos mentais). Em outros termos, corriamos expressamente o que eu acreditava exato em 1910: não existe uma mentalidade primitiva que se distingue da outra por dois caracteres que lhe são próprios (místico e pré-lógico). Existe uma mentalidade mística mais acentuada e mais facilmente observável entre os “primitivos” que em nossas sociedades, mas presente em todo espírito humano. Desde que ela não seja erigida em alguma coisa que se opõe a uma mentalidade diferente, todos os problemas desaparecem de vez” [anotação datada de Bagatelle, 29 de agosto de 1938; in “Carnet VI”].

2) “O primeiro ponto a retomar — a que se subordinam muitos outros — é o que me valeu as objeções e os ataques mais numerosos, e sobretudo os mais obstinados, de pouca coisa servindo os esclarecimentos que dei durante aproximadamente trinta anos: é a distinção formal

de duas mentalidades, a primitiva e a nossa, e a oposição que procurei estabelecer entre seus caracteres essenciais. Mesmo alguns espíritos tentados a admitir, em pormenores, a interpretação que eu proponho de um certo número de fatos, recusam-se a aceitar o que êles acreditam ser minha tese essencial, formulada acima.

Mostrar (inútil fazê-lo aqui, mesmo em resumo) que eu não sustento (hoje menos do que nunca) que existe uma mentalidade própria aos "primitivos". Existe em sua mentalidade uma parte considerável, que lhe é comum com a nossa. Paralelamente, há na mentalidade de nossas sociedades uma parte (mais ou menos considerável segundo as condições gerais, as crenças, as instituições, as classes sociais etc...), que lhe é comum com a dos "primitivos". Pode-se, para comodidade de exposição, separar essa parte do resto, e para descrevê-la e analisá-la mais facilmente, considerá-la de preferência entre os "selvagens", reservando-lhe a qualificação de mentalidade primitiva — entendendo-se claramente que é qualquer coisa de humano e que não se encontra exclusivamente nas sociedades ditas primitivas, e que se encontra também nas outras.

Uma vez assim dissipado o mal entendido fundamental, minha posição atual não comportando mais equívocos, como os que certas expressões infelizes das *Fonctions Mentales* fizeram nascer, eu passo a outros pontos ligados com o primeiro.

2.º — Em *Les Fonctions Mentales* eu determinei dois caracteres essenciais próprios a essa mentalidade primitiva: místico e pré-lógico, os quais eu já sentia intimamente ligados um ao outro, a ponto de dizer que essa mentalidade é pré-lógica porque ela é mística. Mas eu não aprofundara essa concepção; doutra forma, não teria posto êsses dois caracteres no mesmo plano, não lhes teria atribuído a mesma importância; se eu tivesse compreendido bem a natureza da experiência mística (que eu somente aprofundei pouco a pouco, sobretudo nos volumes V e VI)³³, eu teria visto também que dessa orientação mística dos espíritos deriva necessariamente o que designei então desastradamente com o termo pré-lógico.

3.º — Partir daqui para retificar algumas fórmulas de que fiz uso nos três primeiros volumes, sem ter ido ao fundo dos sentidos que seria legítimo lhes atribuir.

a) A mentalidade primitiva é menos sensível que a nossa à contradição; não a aceita formalmente, mas a tolera, etc... Explicar que, examinando-a melhor, não se trata de contradição, no sentido rigoroso da palavra — de incompatibilidade no sentido físico, mas não de absurdo lógico.

b) "Ela não possui as mesmas exigências lógicas que a nossa", expressão vaga, como quando eu escrevo que "seus hábitos mentais diferem dos nossos"; se quisermos precisar essas expressões, elas indicam no fundo a mesma coisa que a precedente (a), e, como elas, devem ser

abandonadas, porque, subjacente, se encontra a idéia de que existe uma diferença real entre êsses espíritos e os nossos do ponto de vista da estrutura e do funcionamento lógicos, o que foi enèrgicamente contestado por pessoas que viveram com os "primitivos" e os observaram bem — e contestado com razão.

4.º — A mentalidade primitiva não é conceptual. Afirmação impossível de manter com rigor, como eu o fiz sentir quase em seguida, e disse então, desde *Les Fonctions Mentales*, "não é conceptual como a nossa"; mas, exceptuando-se algumas considerações gerais sôbre a abstração, as idéias gerais, as classificações na mentalidade primitiva, eu não procurei aprofundar na época o que são os conceitos da mentalidade primitiva, em que e como êles se diferenciam dos nossos. Eu não tomei senão lentamente consciência dêsse problema tão importante, e sòmente à luz do que estabeleci nos volumes V e VI. Liga-se estreitamente à questão precedente; não existe qualquer coisa que distinga a mentalidade primitiva da nossa, do ponto de vista lógico? Nós somos sempre tentados a o acreditar, mesmo depois de verificar que êles se parecem conosco nesse ponto. Um estudo um pouco mais profundo de seus conceitos e dos nossos mostraria sem dúvida de onde provém êsse sentimento e se possui algum fundamento" [anotação datada de Bois de Boulogne, 12 de outubro de 1938; in "Carnet VII"].

NOTAS

(1) *Les Carnets de Lucien Lévy-Bruhl*, Presses Universitaires de France, Paris, 1949; prefácio, págs. XIX-XX.

(2) A. R. Radcliffe-Brown, *The Andaman Islanders*, The Free Press, Glencoe, Illinois, 1948, págs. 231-232.

(3) *Loc. cit.*

(4) H. Poincaré, *La Science et l'Hypothèse*, E. Flammarion, Paris, 1943, pág. 2.

(5) Lévy-Bruhl, *La Mentalité Primitive*, 14a. ed., Presses Universitaires de France, Paris, 1947, pág. 15.

(6) *Les Fonctions Mentales dans les Sociétés Inférieures*, *passim* (ed. utilizada: Presses Universitaires de France, Paris, 1951).

(7) "Nós procederemos, com referência aos mitos primitivos, como se nos encontrássemos em presença de dados ainda não classificados, nem analisados, e a serem vistos, se isto é possível, com "olhos novos" (*La Mythologie Primitive*, Lib. Félix Alcan, Paris, 1935; pág. VII).

(8) *Les Carnets*, págs. 32-33.

(9) Cf., por exemplo: R. Aron, *Introducción a la Filosofía de la Historia*, trad. de A. H. de Gaos, Editorial Losada S. A., Buenos Aires, 1946, págs. 163-164.

(10) *Les Carnets*, pág. 201; cf. também págs. 62, 77, 121 e 129.

(11) Conforme a seguinte passagem: "O trabalho sôbre o qual penso não será um novo livro, propondo-se um objeto diferente dos precedentes, ainda que conexo; será uma sistematização de um certo número de idéias que se repetem de um ponto a outro dos seis volumes, mas a respeito das quais eu evolui (principalmente nos três últimos, mas já um pouco anteriormente) de 1910 a 1938, ao mesmo tempo por minhas pró-

rias reflexões e uma espécie de autocritica, à medida que os fatos eram melhor conhecidos por mim e que eu compreendia melhor seu sentido e alcance — e também sob a influência das objeções que me eram feitas, das quais eu reconhecia as que me pareciam fundadas” (*Les Carnets*, pág. 163). Grifo do autor.

(12) Não seria demais lembrar que Lévy-Bruhl sustentou um ponto de vista que permitia opor a “compreensão” ao “conhecimento” da mesma maneira que se poderia contrastar um procedimento especulativo a outro positivo. (Cf. *La Morale et La Science des Moeurs*, Librairie Félix Alcan, Paris, 1927; primeira edição, 1900). Daí resulta uma conclusão tipicamente positivista, segundo a qual a “compreensão interpretativa” deve ser abandonada por um “conhecimento objetivo”, que atinge seu fim na explicação causal (cf. a discussão do problema em G. Gurvitch, *Morale Théorique et Science des Moeurs*, Librairie Félix Alcan, Paris, 1937, págs. 14-15).

O estudo da “mentalidade primitiva” logo lhe iria demonstrar a utilidade da compreensão como meio endopático e como recurso de observação. Encontra-se, porém, que Lévy-Bruhl separa cuidadosamente essa atividade prévia, mera condição de trabalho destinada a aumentar o poder e a objetividade da descrição etnológica, do conhecimento que se alcança na fase propriamente explicativa da análise causal. Portanto, sua posição a esse respeito é caracteristicamente diferente da de Max Weber. Deixamos essas questões de lado, porque a falta de uma elaboração sistemática das idéias de Lévy-Bruhl poderia nos induzir a imputar-lhe, inevitavelmente, pensamentos que não são seus.

(13) *Les Fonctions Mentales*, págs. 78-79.

(14) *Les Fonctions Mentales*, págs. 20-21.

(15) Herança da problemática de *Les Fonctions Mentales*.

(16) *Les Carnets*, pág. 104.

(17) *Ibidem*, pág. 83. Um bom exemplo dessa manipulação, cf. págs. 91-95. Infelizmente, não podemos examinar certos problemas sugeridos pela discussão de Lévy-Bruhl, nesta e noutras partes de suas explanações, que possuem inegável interesse metodológico.

(18) Cf. *Les Carnets*, *passim*.

(19) *Ibidem*, pág. 55. Deixamos de fazer referências a outras páginas porque essa questão vem tratada direta ou indiretamente em quase todos os pequenos capítulos dessa obra.

(20) *Ibidem*, pág. 422.

(21) *Ibidem*, pág. 214; cf. também págs. 218-219 e 196-198, 89 e 133.

(22) *Ibidem*, especialmente págs. 218-219.

(23) G. Simmel, *Problemas de Filosofia de la Historia*, trad. de E. Tabernig, Editorial Nova, Buenos Aires, 1950, págs. 77 e segs.

(24) Cf. *Les Carnets*, pág. 73.

(25) *Ibidem*, págs. 187-189.

(26) “Volume V”: constitui uma referência a *La Mythologie Primitive*. O texto transcrito foi extraído dos *Carnets*, pág. 188.

(27) Mesmo os etnólogos austríacos e alemães, que por sua formação filosófica e científica esavam talhados para dispensar um longo tratamento ao uso do método de compreensão na etnologia, parecem ter feito menos do que se deveria esperar. Frobenius foi o único que dedicou às condições e aos limites da compreensão na etnologia uma análise mais ou menos concentrada. Mas foi prejudicado pela solução irracionalista que defendeu, em que procurava apresentar a intuição como forma de reconstrução do não vivido. Trata-se de uma posição digna dos tempos de Herder e muito pouco adequada às necessidades de conhecimento sistemático da etnologia. Os que observaram este objetivo essencial, como os

representantes do método histórico-cultural, diluíram essa questão na herança recebida pela etnologia da metodologia histórica, como o fazem Schmidt e Koppers.

- (28) *Les Carnets*, págs. 163-164.
- (29) *Ibidem*, pág. 60.
- (30) Cf. por exemplo o trecho transcrito acima, nota 11.
- (31) *Les Carnets*, pág. 218.
- (32) Os dois excertos foram extraídos dos *Carnets*, respectivamente das págs. 131 e 164-167. Em alguns pontos, Lévy-Bruhl altera adiante, ainda mais profundamente, certas noções neles discutidas.
- (33) "Volumes V e VI": Lévy-Bruhl refere-se a *La Mythologie Primitive e L'Expérience Mystique et les Symboles chez les Primitifs*.